

Caboclinha do Pará

Uma história de fé

Por Chris Tomazine

INTRODUÇÃO

Eu imaginei minha vida de várias formas, mas nunca como um escritor, contudo, ao conhecer Dona Nazaré, sua generosidade e sua amizade com o Criador, eu percebi que precisava imortalizá-la e a única forma que eu encontrei foi, escrevendo a sua história.

Diariamente eu ia a casa dessa senhora que eu carinhosamente apelidei de vovs. Não era porque eu almoçava um menu fantástico, mas porque ali sempre sentia algo especial, havia uma presença sobrenatural naquele apartamento, era uma sensação maravilhosa, plena, como se eu pudesse enxergar a cor da paz ou sentir o aroma de amor naquele lugar.

Sentava no chão aos pés de sua poltrona reclinável, eu ouvia atentamente enquanto ela viajava nas suas lembranças, me enriquecendo com suas incríveis histórias.

Nas próximas páginas eu sintetizo tudo que ouvi dando ênfase nas crônicas que mais me marcaram.

CAPÍTULO 1 - CABOCLA FORTE

Era inverno em todo o país, mas no Pará é o período mais quente do ano, mais conhecido como verão amazônico, e foi em um dia quente desses, em Belém, que a alegria toma conta da cidade quando a imigrante espanhola Joaquina, uma mulher branca de cabelos negros ondulados não muito compridos, teve seu segundo filho, uma linda menina de pele branca, cabelos negros e lisos.

A alegria não durou muito tempo, aos quatro meses de idade a menina teve meningite, a doença que mais matava nesta época, porém com os conselhos dos sábios da mata, Joaquina banhava sua menina com água quente no corpo e gelada na cabeça. Foi quando essa mãe em desespero fez um promessa a Nossa Senhora de Nazaré que se curasse sua filha daria a ela o nome da santa. O primeiro milagre na vida da caboclinha a deixou curada. Mas a doença deixou uma sequela na vista da pequena Maria de Nazaré.

Completado um aninho de vida, chega na cidade um médico, negro, alto, vindo do sudeste. Medico era uma raridade na região e sem receber nenhum tostão, o doutor ao examinar a vista da pequena deu a sua mãe um remédio e disse: __Cabocla forte! Porque essa doença é muito cruel, dificilmente se salva, mas a caboclinha é forte!

A menina Nazaré cresceu e sua sua vista sarou completamente.

Algum tempo depois o marido de Joaquina, Raul, um legitimo caboclo, de pele clara, cabelos negros e lisos, foi chamado para ser capataz na fazenda da família Chermão, na cidade de Chaves. E pra lá se mudou com sua esposa, seu filho mais velho e a caboclinha, que a esta altura tinha seus quatro aninhos de idade. A casa era alta para se proteger dos animais selvagens daquela localidade, na fazenda tinha a direta ao fundo da mata fechada o rio jacaré, nome dado devido a grande quantidade de jacaré Açu e no final da fazenda era o mar.

Era bem comum a pequena Nazaré ao abrir a janela de casa de deparar com a cena de uma onça dando o bote em um bezerro e o arrastando para a mata. Um certo dia Sr Raul ouviu um barulho dentro das vigas de madeira que sustentavam a casa, onde se pendurava as redes. Rapidamente banhou aqueles esteios de Jatobá com água fervendo e confirmou sua suspeita quando caíram quatro Jararacas

Certo dia Dona Joaquina que não era acostumada com o lugar, foi tomar banho de mar com suas crianças na praia. Ao retornar para casa, encontra seu marido pelo caminho. Seu Raul pediu o sabonete para se banhar no mar também. Dona Joaquina conta ao seu marido que havia esquecido sobre um tronco seco na areia da praia próxima as águas onde seus filhos passaram a tarde brincando.

Seu Raul volta esbaforido, correndo e gritando pelo nome de sua esposa: __Joaquina! vem cá mulher!

__O quê foi homem? Porquê você está pálido assim?
O que aconteceu? disse Joaquina

O Caboclo Raul , seu marido Não demorou muito tempo, na verdade, tempo o suficiente de Francisco fazer mais seis filhos em Consuelo. Francisco abandona sua família deixando Nazaré com nove anos criando seus irmãos, enquanto sua mãe se desdobrava para alimentar e seus filhos. A jovem Maria, sempre pronta a ajudar sua mãe saía pela mata adentro colhendo frutas para alimentar sua família e vender na banca de frutas de sua mãe. Maria também, como diz a música, carregava latas d` água na cabeça para seus vizinho e recebia pães duro como pagamento. Mas a felicidade na simplicidade daquela família, Maria colocava no fogão a lenha os pães, até que cada um de seus irmãos ao passasse pegava um e assim estivesse todas as barriguinhas forradas, pelo menos por mais um dia.

Raul leva sua mulher até o tronco onde o sabonete se descansava esquecido. Quando Joaquina se dá conta, o tronco na verdade era um enorme Jacaré Açu que estava perdido devido ao alto volume de águas dos rios nesta época do ano entre março e abril, quando as chuvas inundam os rios e o limite entre o mar e o rio se misturam, depois de uma enorme luta entre as ondas e o mar o jacaré negro foi parar na praia exausto. Tiveram que vir muitos vaqueiros para dar fim aquele enorme jacaré mortífero.

Depois deste evento, Raul levou sua família de volta para a capital do Pará.